



Miguel Rovisco: *Poemas de Prazer Masculino*, uma questão de gênero e vivência ficcional

Virgínia Maria Antunes de Jesus
São Paulo

PALAVRAS-CHAVE: POESIA, HOMOSSEXUALIDADE, PRAZER MASCULINO, REALIDADE E FICÇÃO

KEYWORDS: POETRY, HOMOSEXUALITY, MALE PLEASURE, REALITY AND FICTION

Deixou-nos, com apenas 27 anos, uma obra dramática consistente que, nos últimos tempos, parece começar a ser reconhecida. Deixou-nos...

Referimo-nos a Miguel Rovisco, jovem revelação da cena portuguesa na década de oitenta do século passado que, em 1987, numa primeira aceção nos deixa, suicidando-se, justamente quando parecia começar a ganhar a notoriedade que buscava com sua literatura. Na segunda aceção, deixa-nos a obra, cuja qualidade se pode entrever pelas láureas conseguidas. Em 1986, recebeu o Prêmio Nacional do Teatro – Prêmio Garrett – com *Trilogia Portuguesa*; em 1987, postumamente, mais dois Prêmios Garrett, um de Melhor Peça para a Infância e Juventude, com *A História de Tobias* e outro de Melhor Peça Inédita com *Retrato de Uma Família Portuguesa*.

Sempre em busca da essência e do itinerário de sua raça e de si próprio, Rovisco, além das peças teatrais¹ e um guião para uma série televisiva², escreveu cartas, textos metalinguísticos – em que procura traduzir a si e a seu processo criativo –, literatura infantil – dedicada ao sobrinho – e textos líricos reunidos sob o título de *Romance de Poesia*.

O objetivo deste artigo é apresentar a poesia de Miguel Rovisco, seu lirismo, visão e vivência interiores, sua ficção, sua imaginação, suas ações poético-imaginárias que ultrapassam e, ao mesmo tempo, tocam a questão do gênero: em seus poemas viveu tudo e de tudo. Teria vivido, ou tido tempo de viver a realidade?

O conjunto de poemas é constituído por oito cadernos independentes, inclusive em suas respectivas subdivisões, os quais, conforme adverte e intitula o próprio autor, formam um único conjunto de textos, um romance, assim, « ... se forem editados os poemas, deve-se levar em conta que formam uma ‘obra única»³. É importante notar que muitos desses poemas parecem, numa leitura menos atenta, textos em prosa dispostos em versos e epígrafes, dadas a coloquialidade, a intimidade e a simplicidade de um estilo que expressa um diálogo, cujo emissor e receptor é sempre o mesmo Miguel Rovisco, ou mais, o Nuno ou o Nuninho, como era chamado na intimidade dos amigos e da família Nuno Miguel de Rovisco Garcia Pedroso. Alguns poemas podem ser encontrados em forma de prosa em outros escritos.

O *Caderno Um* é constituído por duas partes. A primeira, «As Palavras Divertidas», escrita em 1987, onde, em consonância com o título, lemos um Rovisco a brincar com as palavras, com a sonoridade e concretude do signo verbal, procurando extrair de significantes novos significados. O autor utiliza os mesmos procedimentos em alguns cadernos de literatura infantil. A segunda parte, «Histórias da Crueldade Sorridente e Outras», reúne poemas escritos em 1986 e contém pequenas narrativas, algumas com rubricas, a assinalar sua tendência ao teatro.

O *Caderno Dois*, também, constitui-se de duas partes. A primeira, «Vinte e Cinco Poemas de Amizade (Mais Cinco Tardios)» com poemas narrativos datados de 1986, onde o poeta está a tratar de situações comuns com pessoas amigas. A segunda parte, também

¹ O acervo dramático do autor constitui-se de dezoito peças localizadas e duas que se perderam, entretanto foram comentadas pelo escritor em outros textos de sua autoria. Todas foram comentadas, classificadas e apresentadas em nossa dissertação de mestrado: *Miguel Rovisco: biobibliografia* (Universidade de São Paulo, 2002).

² *Cobardias* é o nome da série em treze capítulos, rodada com o autor vivo (atira-se sob um comboio em 3 de outubro de 1987), todavia apresentada em janeiro 1988.

³ Miguel Rovisco, *Romance de Poesia*, introdução.

escrita em 1986, recebeu o título «Vinte e Cinco Poemas de Amor» e é quase um diário, o poeta volta-se para si mesmo, a falar de sensações e sentimentos.

No *Caderno Três*, primeira parte, intitulada «Quaresma», fala, essencialmente, de pecado e castidade em poemas de 1984. Na segunda parte, «História de Santa Iria» de 1986, Rovisco retoma a mesma temática do título anterior, agora em forma dramática, com personagens: o narrador, uma mulher, um monge e uma religiosa, mas sem rubricas e mesmo indicação dos diálogos.

O *Caderno Quatro* intitula-se *Poemas do Trivial*, datado de 1986, compõe-se de textos memorialistas: sem saudade de uma infância em que não foi feliz, fala de sua adolescência, da família, da vida comum de uma pessoa insatisfeita e, assim, vai transformando a memória de pormenores, detalhes do cotidiano, em versos.

Ao *Caderno Cinco* Miguel Rovisco deu os títulos: *Alguns Encantadores (Primeira Parte)*, que contém poemas de 1986 sobre pintores famosos, europeus e americanos, e *Alguns Encantadores (Segunda Parte)*, com poemas escritos em 1987 sobre escritores, músicos, teatro, ópera, arte e artistas em geral, a demonstrar sua erudição.

O *Caderno Seis* reúne os *Poemas Soltos*, com textos de 1984, 1985, 1986 e 1987. Como sugere o título, aborda vários assuntos, caminha dos temas sociais aos existenciais.

No *Caderno Sete*, foco principal deste artigo, reúne os *Poemas de Prazer Masculino*, com textos escritos em 1986 e 1987. Nesse caderno, põe-se a revelar suas possíveis tendências homossexuais, descreve com detalhes suas relações amorosas.

O *Caderno Oito* compõe-se de três partes. A primeira, «Carlos Maria», a que não tivemos acesso, contém poemas escritos em 1987 (A mãe de Miguel Rovisco, Dona Maria José, não possui o caderno e diz não conhecer, nem ter conhecido alguém com tal nome). Na segunda parte, «Seis Retratos», de 1987, escreve, para homenagear seis amigos. Na terceira, «Nuno Miguel», escrita em 1987, confessa claramente a intenção do suicídio; em alguns poemas, o autor desdobra-se e, consciente de sua morte, assiste-se atuar quando era vivo, revê suas coisas e lugares preferidos.

Apresentado o conteúdo geral dos cadernos que constituem sua obra lírica, trabalharemos o texto poético rovisquiano especialmente com poemas dos cadernos sete e oito, onde o autor representa sua homossexualidade, mesclados por outros textos em que confessa seus relacionamentos.

Pode-se sentir a solidão, a dificuldade de relacionar-se plenamente com os outros: amigos, familiares, mulheres e homens. Em seu projeto literário, Rovisco parece viver a ficção de tudo: amizades fortes, superficiais, ama mulheres, homens, namora as que ama e as que não ama, tem noivas, é estéril, chega a engravidar uma delas, até se casa.

Assim vejamos como representa o amor:

O amor, mais do que ama odeia, o amor é terrível – ou pode vir a sê-lo.

(Cobardias)

Isto nada tem de novo verdadeiramente:

estes suspiros olheirentos, estas insónias mal assoadas,

a tampa da caneta roída pelos nervos

e eu roído de saudades,

a falta de apetite como herói camiliano, os golinhos

de álcool,

uns copitos a mais

e mais a terceira garrafa – venha ela ! –,

os soluços desprezados do pobre de mim,

os beijos ao travesseiro

e estes colarinhos sujos com a barba de há uma semana...

Tudo isto é muito repetido:

também já houve quem me amasse, coitada !, e eu nunca a amei.

(Poemas do Trivial)

Eu sorrio satisfeito sem que tu saibas porquê.

Perguntas-me, mas eu não te respondo.

Aquela moça roliça, que abana o cu colossal,

estás a vê-la ? Sem que o possas adivinhar

já te traí com ela:

O meu sorriso aumenta-se no rosto: quanto mais não seja

em pensamento... mas não, falo a sério, trair a sério:

as cuequinhas eram de renda azul, lembro-me bem.

Que prazer em dar-te o braço

sabendo-te enganada e resignada. Beijo-te a testa

com um sorriso ainda mais vasto,

a mão afagando-te ao de leve a mama esquerda:

és minha propriedade segundo a doutrina da Igreja (não

refiles, será assim. Tu nunca refilas!)

Mudo a beata chupada para o canto oposto da boca.

Escarro.

Na tua cestinha primaveril, o rádio ligado lança para os ares
uma cançoneta latino-americana

a favor da pancadaria conjugal. Ótimo:

«Porque te ris? Hem, porque te estás a rir?» Não te ligo,
é domingo

e hoje amo-te muito.

(...)

E de repente eu sinto pena: Tu, tão frágil!

Tu, tão submissa: Tu, tão mulher !

Já não sorrio, vês ? Segredo-te ao ouvido:

«Vamos para casa que quero montar-te.» Alarmada
pela satisfação, baixas um pouco as pálpebras

– reparo como és bela: submetes-te !

(...)

Sáímos do jardim apressando o passo e já te vais roçando
pela minha perna,

mas eu sempre variável

antes de percorrer meia rua arrependo-me da minha fraqueza.

Chego a olhar para ti com certo nojo

mal disfarçado: esposa: «Olha, vai tu andando

que vou primeiro ali beber um copo. Até logo.»

Obedeces à minha ordem, claro... – se me obedeces sempre

porque hei-de eu lamentar-te ?

Aliás, tenho a certeza de que és feliz.

Regresso ao jardim

– na boca um assobio saltitante – à caça do tal

cu-lossal,

sentindo-me bem comigo, com o Pires, com a esposa

e com isto de haver um sentido universal a favor do sexo

com tomates.

TÍTULO DA POESIA ACIMA: «Imaginal Pares de Pequenos Burgueses em Passeio pelo Jardim da Estrela numa Tarde Soalheira de Domingo»

(Poemas do Trivial)

Expressa em ficção seu desejo e rejeição, sente nojo do contato feminino. A mulher que ele não ama é frágil, é «tão mulher», é a esposa que não quer ter, pois representa a vida medíocre das pessoas comuns. Atente-se ao título que o autor coloca no final, abaixo do poema.

A mulher que ele ama(ou) é idealizada, surge do ato de escrever, brota em suas páginas, ela tão ideal e ele tão reles, tão real. Miguel Rovisco vive, assim, seus melhores momentos na literatura que produz.

...E tu a quem amei ? Por onde andas? (Antigamente
ao escrever o teu nome brotava-me da palma da mão uma palmeira
- por isso em qualquer página eras um oásis.)

(...)

Só gostaria de imaginar

o sabor da sua saliva!

Comigo o teu futuro, eis-nos de acordo, não seria dos mais
risonhos: o tal que muda de cuecas apenas de dez em dez dias

– eu –

e que evita lavagens freqüentes à sua jibóia pois, segundo os
ensinamentos dos mestres árabes, a muita limpeza da dita
provoca a impotência. Quanto à saliva aqui-do-vagabundo,
aquele sabor invariavelmente a anchovas. Agora porquê ?

Grandessíssimo aborrecimento, repito!...

(Poemas do Trivial)

De manhã a minha amada

vestida de

sabonete

salpica-me a cara de beijos,

qual

chuveiro,

que se enxugam

na gravata
de cor (in)feliz.
A risca do seu cabelo
de novo arrisca
mudar de
sentido.
Mas tudo lhe fica bem, mulher querida!
até os sapatos um pouco cambados
nela são
elegância de burguesa !
(Este bem-estar
do
nosso
matrimónio, assim.)

(Poemas do Trivial)

Daqui há dois anos vocês cheias de crianças e os meus olhos a adivinharem quais delas poderiam ter sido minhas: como lhes cortaria as franjas, como elas se pareceriam comigo ou com o pai...Os meus olhos como dois sustos para a minha esterilidade.

(Cobardias)

Em ficção, repetimos, Rovisco domina o tempo e pode viver de tudo nesse seu pouco tempo de vida: amor sublimado, amor carnal, sexo puro e inclusive o homossexualismo.

PRIAPO

Afago o membro teu, sobre os ovos robustos em repouso
ainda. O afago
e beijo.
Já o arco das narinas se dilata – ei-las trémulas –
enquanto um suor que escalda me lustra a testa, ao teu umbigo
junta.
Sussurram os lábios – não hei-de falar-vos do gozo na ponta
da língua –
mil carícias:

«Desperta, amigo meu! Pombo de cabeça equilibrada, ergue-te do ninho
num repelar da pelugem negra.

Que as minhas mãos em folha te conheçam o peso; que pelo céu
da minha boca

te libertem depois – oh, por mim tu voes !»

As pálpebras de mansinho agora se desmaiam. Sobe
e desce

a maçã de adão pelo pescoço... – e o meu umbigo,
que já aos teus calcanhares se sujeita.

(Poemas de Prazer Masculino)

Rapaz das sobrancelhas ternas, porque me provocas ?

Assim passo noites sem dormir, com sonhos de ti
pelos lençóis manchados

que de seguida beijo e temo,

e já a minha noiva me acusa de distraído – ontem

a tarde inteira a seu lado, sem um dedo de carícia:

Rapaz das pestanas longas, porque me cegas ? Embora eu veja
esse sorriso que me convida aos cantos

escuras,

onde a serradura e um odor a mijo – isso –

embaciam o ar.

Não sejas tal para mim, ó adorável rapaz: Não me provo-
ques com os teus ombros, ai:

nem me distraias com o mamilo breve

pela camisa

entreaberta. Meu novo amor, minha pequena luz, deixa-

me amar-te no silêncio sem escândalos – e com os seus

prazeres, no entanto – de um simples trabalhador

da grande cidade,

que está noivo e mal ganha para o sustento dos seus planos.

(Cheguei a espiar

os teus passos

e a lambar positivamente – imaginas-me de gatas ? –

o muro cicatrizado contra o qual te despejaste. Eu nunca fui assim
dantes !)

Rapaz das muitas delícias... ai, a que desgraçado
me reduziste! Amo-te, amo-te e seguir-te-ei e farei
tudo quanto me obrigares. O meu corpo viverá
para a felicidade
e se a felicidade pede o teu deslumbramento, seja:
Dá-me a mão: além ou num beco entre caixotes,
o paraíso interdito, oh:... – se nos aguarda?

(Poemas de Prazer Masculino)

Marco afirma possuir vinte e cinco anos. Embora eu compreenda
que se trata de uma metáfora por palavras homófonas
– além de bicha como tu,
eu sou muito culto, ó Marco ! –, não posso acreditar
na modéstia do seu ânus.

(Poemas de Prazer Masculino)

Eu não preciso de atravessar o rio Lete para esquecer
os erros da minha vida e as suas poucas virtudes.
Nas margens de qualquer rio, qualquer membro viril – o preço
a combinar –
oferece à minha imperfeição o mesmo esquecimento
com outra travessia.

(Poemas de Prazer Masculino)

Deixaste-me pelo corpo a marca da tua maravilha.
Porque foste o primeiro,
recordo um primeiro fio de sangue: ardia.
Hoje os outros nada mais fazem que repetir-te
sem dor. Mas é tua a tatuagem.

(Poemas de Prazer Masculino)

O autor descreve detalhes íntimos da experiência homossexual, desde os mais sublimes detalhes até os aparentemente mais grosseiros e sórdidos. Teria tido tempo para viver isso na realidade? Rovisco parece conter tudo em latência, faz-se pleno e atualiza-se na escritura.

No poema seguinte, podemos ler a confissão de que tudo pode ser ficção. Seu relacionamento é consigo mesmo, acontece à noite na solidão de seu quarto e o poeta desdobra-se:

É sempre noite quando me penetram, pois imagino-me sempre esse

Que por mim dentro avança e recua, avança e logo – ei-lo.

«sou-me ele». ⁴, assim grosso e cego, pela minha escuridão aberta.

O meu prazer

vem do prazer que nesse adivinho, envolto em ardores

e em fezes do outro,

que por um mero acaso calhou ser eu.

Sinto a dor breve do pêlo repuxado e o delírio. Mais. Ui: Agora

um silêncio suado.

Ainda um pouco te demoras no meu âmago, ó noite volumosa!

(Poemas de Prazer Masculino)

O PÊNIS NEGRO

Serpente negra, tu seduzes-me ora em repouso ora de cabeça erguida.

Belo animal de pele lustrosa, por onde o sangue e o veneno

adivinha-se que palpitam.

Estendida a mão, logo avanças; a minha boca abeirando-se,

logo ma preenches, inundas.

Ardente arrepio em generosidade.

Tu, todo. Tu, toda. Oh ! E mais ainda.

Lascivo encantador da serpente africana – como te engrossas ! –

tu me seduzes,

tu me submetes,

tu me encantaste.

Feliz aquele que como eu provou na língua o teu veneno !

(Poemas de Prazer Masculino)

⁴ O grifo é do autor.

Mário Viegas, um dos mais famosos atores, encenadores portugueses e figura pública da cena cultural e política lusitana da segunda metade do século XX, foi certamente, dentre os contemporâneos, a pessoa que mais conviveu, trocou experiências e talvez tenha conhecido Miguel Rovisco e sua obra. Foi ele quem trouxe o dramaturgo aos palcos, com a encenação do único espetáculo seu a que o autor teve o ensejo de assistir. Viegas morreu em 1996 em posse do acervo, vasta documentação e cartas que o autor lhe escreveu.

O ator colecionou suas memórias num grande livro, artesanalmente confeccionado, a que denominou: *(Antônio) Mário Viegas – Auto-Photo Biografia (não autorizada)*, com *revelações sensacionais!! e segredos político-teatrais nunca divulgados!!!* São mais de duzentas páginas em papel A3 com textos e fotografias inéditas, das quais dedica dezesseis a Miguel Rovisco. Em suas palavras:

Estas cartas contam tudo e são completamente inéditas e geniais. Morreu aliás, com uma carta para mim no bolso. Foi uma paixão. É um **CRIME** não se publicar a sua obra. Um dos maiores choques que sofri até hoje. (anotação à margem de uma carta de Rovisco a Viegas, datada de 21 de julho de 1986).

À margem de carta de 15 de dezembro de 1986, escreve: «Penso que o Rovisco se apaixonou por mim. Não tenho a menor prova que fosse homossexual».

Todas as pessoas que conheceram o escritor são unânimes em dizer que ele tinha mania de falar de si mesmo, talvez índice de seu neurotizante individualismo, de sua imensa dificuldade de relacionamento e necessidade de desvendar-se, desdobrar-se em níveis existenciais, ou seja, a vida real de Nuno Miguel (filho, tio, irmão, funcionário...), a do poeta e a do dramaturgo Miguel Rovisco. Seria o ser humano que assume e acaba por assimilar, em atitudes dramáticas, a personagem de escritor/ poeta? O autor a criar suas personagens, suas máscaras, suas *personas*.

Rovisco era o centro de seu próprio universo. Ao ler suas anotações pessoais, sua dramaturgia e seus poemas, pode-se perceber que sempre tem a si próprio como referencial: seus instintos, suas sensações, seus sentimentos, suas opiniões, suas recordações, suas aspirações, suas definições, tudo o que lhe diz respeito. Nas peças, podemos senti-lo diluído em suas personagens; nas adaptações e transcrições⁵, por menos que modifique os

⁵ «Transcrições» (nomenclatura que utilizamos em nossa dissertação de mestrado) são as peças em que, “abusando” da liberdade que o ofício lhe confere, o autor acaba por criar um processo intertextual, ou seja, parte de um paradigma, entretanto vai muito além da adaptação e mesmo da recriação, uma vez que modi-

enredos, podemos sempre notar a prevalência de sua leitura. Nas cartas e bilhetes, obviamente, escreve de si. Enfim, sua escritura (e essencial ação) traduz Miguel Rovisco mais nitidamente que suas próprias ações.

A concluir este artigo que pretendeu dar a conhecer a obra poética de Miguel Rovisco, bem como sua necessidade de, pessoalmente, viver ficcionalmente todas as possibilidades, transcrevemos o poema dedicado a Natália Correia:

À Natália Correia, com afecto

Num bar ali à Graça. Pequeno, umas onze

mesas – se tanto –

e nós seríamos talvez uns vinte.

A meio da minha gravata, o limão no copo de gin era

o colorido mais alegre daquele grupo de amigos: a sua casca

em arco

ainda me lembra na verdade um sorriso. (A franqueza disso.) A-

lém da minha gravata, muitas outras – e mesmo o laço

de um deputado comunista,

azul com estrelas miudinhas, grande admirador

da prosa de Pascoais: logo alguém afirmou

que deveria ser proibido escrever

tão bem. (Uma voz na escuridão de

um candeeiro decadente, vista como ponta

de cigarro

ao rubro.) A dona do bar

triunfava na noite completa do seu vestido – mais noite

que negro –,

com os braços nus, os seus belíssimos braços nus... oh !,

confessando-se

uma sentimental sem remédio. (Pausa. Aplausos.)

fica características das personagens e, conseqüentemente, as ações. Assim, o texto de chegada tem enredo diferente do texto de partida e, para se entender a releitura do autor, as supressões, as inversões, ao cabo, as modificações ou transformações, obviamente, tem-se que conhecer o texto original. O próprio Miguel Rovisco, em algumas peças, nos previne de suas intenções nos títulos e subtítulos dos textos.

De boquilha, ágil
 e um dedo gorducho em brincadeira com o gelo te –
 lintante do terceiro uísqui, Natália
 recitou divinamente o filho dilecto das solidões
 das suas ilhas,
 revelando com gosto – aqui as suas pestanas ocupavam espaço
 tornando-se necessário
 desviarmo-nos
 para que elas batessem apressadas – a secreta
 homossexualidade, sim,
 era assim mesmo,
 houvera quem lho segredasse, do grande sonetista açoreano.
 (Lá fora
 nas ruas,
 uma sexta-feira em vésperas de eleições –e o fundador
 de um partido de direita juntamente com o laço de estrelas
 miudinhas
 começaram em apostas sobre as percentagens de votos!
 entendiam-se,
 amavam-se,
 afectuosamente «tu».) As horas passaram assim,
 foram-se as horas passando ! Até que
 se ergueu um coro de vozes portuguesas ao som da guitarra
 em baladas de saudades... ai saudades... eram tantas
 as saudades! E novamente
 a voz escura afirmou – se vinha a propósito ? –
 como era triste viver no tempo do fascismo em Portugal.

(Poemas do Trivial)

Miguel Rovisco, que parece ter lido e escrito desde sempre: na infância e mais na adolescência esteve continuamente a ler e a escrever no moto próprio dos perfeccionistas: concebe, escreve, guarda, relê, destrói ou reescreve; concebe, escreve... num trabalho de

criação e aperfeiçoamento infindo⁶. O que se pode detectar desde 1984, início de seu ofício de dramaturgo, é que não segue uma progressão determinada. Algumas obras possuem uma linguagem inovadora e uma tal força dramática, que certamente vai-se aprimorando e revelando-lhe o talento com o exercício da produção posterior, embora sem a experiência do palco. Ao cabo, uma obra que pode e deve colocá-lo entre os grandes escritores dos últimos decênios do século XX.

Pena que se tenha interrompido, sem ter-se dado tempo de mais e cada vez melhor produzir. Assim, com esse acervo quase todo inédito de vinte textos para teatro, uma série para televisão, a literatura infantil e também sua produção lírica, certamente já é um nome a ser revivido, editado, lido, encenado e, definitivamente, incluído, não apenas na História da Dramaturgia, mas também dentre os grandes nomes da poesia lusitana.

Sofreu? Amou? Mulheres? Homens? Viveu? «Ficcionou»? Não importa, o que vale é a qualidade do texto que Miguel Rovisco, dramaturgo em essência, poeta em vivência, nos deixou.

BIBLIOGRAFIA

- JESUS, Virgínia Maria Antunes de (2002). *Miguel Rovisco: Biobibliografia*. Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa: Universidade de São Paulo.
- (2008). *Miguel Rovisco: O Teatro da História*. Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa: Universidade de São Paulo.
- ROVISCO, Miguel. (1989). *A História de Tobias*. Lisboa: Rolim.
- (1989). *Retrato de Uma Família Portuguesa*. Lisboa: Rolim.
- (1989). *Trilogia Portuguesa*. Lisboa: Rolim.
- A Felicidade do Jovem Luciano*. Fotocópia do original do autor.
- A Lua Desconhecida*. Fotocópia do original do autor.
- Casamento e Morte*. Fotocópia do original do autor.
- Cobardias*. Fotocópia do original do autor.
- Eurico, o Presbítero*. Fotocópia do original do autor.
- Mulheres Infelizes*. Fotocópia do original do autor.
- O Ano de 1641*. Fotocópia do original do autor.
- O Arco de Sant'Ana*. Fotocópia do original do autor.
- Os Velhos e Mefistófoles*. Fotocópia do original do autor.
- Quatro Entremezes e Dois Dramas Breves*. Fotocópia do original do autor.
- Romance de Poesia*. Fotocópia do original do autor.

⁶ Em seus escritos, o autor afirma ter recuperado, em algumas peças, muitas idéias de textos já destruídos, mas guardadas na memória.

Trilogia dos heróis. Fotocópia do original do autor.

Uma Comédia de Quinhentos. Fotocópia do original do autor.

RESUMO:

Apesar de breve intervenção de Miguel Rovisco na cena cultural, deixou, pelo menos, dezoito peças teatrais, um roteiro para uma série televisiva (levado na RTP, em 1987), cadernos de literatura infantil e oito cadernos de poemas, que pretendemos apresentar, especialmente o caderno denominado *Poemas de Prazer Masculino*, foco deste artigo. Como sua dramaturgia, sua poesia também possui uma linguagem inovadora e vigorosa e Rovisco é, indubitavelmente, um nome a ser apresentado e inserido, não só no mundo do teatro, mas dentre os grandes poetas portugueses.

ABSTRACT:

Despite his brief intervention in the Portuguese cultural scene, Miguel Rovisco has left at least eighteen plays, a script for a TV series (produced by the Portuguese Radio and Television Network – RTP, in 1987), several volumes of children’s literature and eight volumes of poems. After sketching a general overview of Rovisco’s work, we will focus on the volume entitled *Male Pleasure Poems*. As his dramatic texts, his poetry resorts to an innovative and vigorous language. Rovisco is undoubtedly a name awaiting recognition, in the fields of drama and poetry alike.

